

ANALYTICAL CATEGORIES OF WRITING AND READING PRODUCTION
TEXTS

Luzimar Goulart Gouvêa (FATEC-BP – UNITAU)

Maryslan Fabiana Pereira Zuchinalli (MESTRADO – UNITAU)

Resumo: este trabalho visa encorajar o leitor a desenvolver técnicas que compreendem uma observação de categorias analíticas de produções textuais orais e escritas aplicáveis aos gêneros textuais com o objetivo de facilitar sua leitura, levando o leitor a um maior entendimento do conteúdo dele. Foi percebido que a aplicação das técnicas acima mencionadas, durante as aulas ministradas em formato de *workshop* pelo professor Mestre Luzimar Goulart Gouvêa na Universidade de Taubaté (Unitau) e na Faculdade de Tecnologia (Fatec – BP), usando uma variedade de gêneros textuais, tais como artigos de jornal, textos de opinião, *press-release*, para estudantes dos cursos de Letras e Serviço Social, poderia ser adaptada para a língua inglesa. Assim, o curso foi completamente traduzido e apresentado no curso de English Language pela estudante de mestrado Maryslan Fabiana Pereira Zuchinalli no quarto Encontro do Grupo de Estudos de Língua Portuguesa na Universidade de Taubaté (Unitau). Como resultados percebemos que, com a aplicação das técnicas apresentadas, tais como objetividade, subjetividade, afirmações categóricas e modalização linguística, anáfora e catáfora, entre outros, os estudantes, mesmo não falantes da língua estrangeira, são capazes não só de entender a ideia central do texto, como também perceber, por meio de uma rápida análise, a ideologia contida nesses textos.

Palavras-chave: Produção de leitura e escrita; Letramento crítico; Atividades linguísticas.

Abstract: This work aims to encourage the reader to develop techniques that comprise an observation over analytical categories of oral and written texts productions applicable to text genres with the aim of facilitating the reading, taking the reader to a greater understanding of the content. It was realized that the application of the techniques above, through classes given on a workshop format, by Professor Master Luzimar Goulart Gouvea, in the University of Taubate (Unitau) and at Bragança Paulista's College of Technology (Fatec-BP), using a variety of text genres, such as newspaper article, opinion and press-release, for students of Letters and Social Work courses could be adapted to the English language. Thus, the course was fully translated and presented in the English Language course by the student Maryslan Fabiana Pereira Zuchinalli in the 4th Meeting of the Portuguese Language Studies at the University of Taubaté (Unitau). It was noted that with the application of the techniques presented, such as objectivity, subjectivity, categorical statements and linguistic modalization, anaphora and cataphora among others, the student even not a speaker in the foreign language is capable not only to understand the central idea of the text as well realizing by means of a quick analysis, ideology contained in its corpus.

Keywords: Writing and reading production. Critical literacy. Language activities.

1. Introdução

O presente artigo versa sobre o ensino de língua estrangeira (LE).

O objetivo é propor uma metodologia de ensino de LE a partir de algumas categorias analíticas de leitura e de produção de textos.

Considerando que não é necessariamente o conhecimento normativo gramatical que ensina a escrever e/ou produzir textos e, anteriormente à habilidade de escrita, a habilidade de leitura, uma vez que o domínio das regras da língua é um domínio inconsciente, propõe-se uma metodologia que parte das práticas discursivas, que podem ser tornadas conscientes.

Para isso, foram eleitas algumas categorias, aqui chamadas de categorias analíticas de leitura e de produção de textos orais e escritos. São elas: 1) subjetividade/objetividade; 2) afirmações categóricas; 3) modalizações linguísticas; 4) anáforas; 5) catáforas; 6) vozes (tipos de discurso e recursos de cessão de voz); 7) formação discursiva (FI) e 8) formação ideológica. Essas categorias aqui instituídas são oriundas de diversa bibliografia na área da Linguística/Análise do Discurso, desenvolvidos por diversos autores.

Tal proposta se justifica por tentar contribuir para uma melhoria de qualidade do ato de leitura e, por ajudar a tornar consciente o uso desses recursos, isso pode emprestar uma melhor consciência linguística aos sujeitos. Considerando que a linguagem é uma condição advinda do fato de a língua ser social, tal consciência linguística pode contribuir para as interações sociais permeadas pela linguagem.

A metodologia empregada na construção deste texto tem seu suporte na pesquisa bibliográfica. A metodologia específica que se propõe neste artigo funda-se também na aplicação das categorias já apresentadas anteriormente. A partir delas, tomaremos para aplicação do exercício o texto/gênero discursivo *press-release* “Mastercard Introduces next generation ‘Display Card’ technology, a first for Singapore.”, um texto de circulação na mídia. Como não há o envolvimento de depoimentos e experiências aplicadas a seres humanos, não se considerou importante o uso de termo de consentimento livre e esclarecido e a aprovação por comitê de ética.

2. O campo da leitura, o campo do discurso

Como estamos nos propondo a trabalhar com leitura, apresentamos, a seguir, um arrazoado teórico que se faz necessário.

De acordo com Kuenzer (2002, p. 101), “ler significa, em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante dos textos dos outros,

percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção.”

Dessa maneira, é mister desenvolver um trabalho que garanta ao indivíduo situações de aprendizagem voltadas para o caráter libertador do ato de ler, em que “o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa ao simples reter ou memorizar, mas ao compreender e ao criticar” (SILVA, 1991, p. 80)

A leitura, assim como a escrita, é uma das fontes para se adquirir conhecimentos, é uma forma de o indivíduo estar em contato com o mundo, ter acesso a um outro tipo de leitura de mundo. É, também, segundo Cagliari (1995), uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização, de reflexão, um processo de descoberta.

Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como a leitura da palavra mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão (BRANDÃO, 1997).

A leitura está associada ao aprendizado, pois, de acordo com Bamberger (2000), por meio dela, ocorre um processo que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. É também uma forma exemplar de aprendizagem, um dos meios eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

Ainda nesse sentido, Foucambert (1997) discorre que o ato de ler, em qualquer circunstância, é o meio de interrogar a escrita, saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. A leitura não é tão somente uma mensagem, mas uma construção induzida. Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo.

Cabe aqui tratar também daquilo que chamamos de Análise do Discurso.

Para Michel Foucault, citado por Fischer (2001), é necessário antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e, igualmente, a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas, práticas comuns quando falamos em análise de discurso. Para Foucault, não há nada atrás das cortinas e nem sob o chão que pisamos, há, sim, enunciados e relações de poder que o próprio discurso se encarrega de

pôr em funcionamento. Quando refletimos o discurso, devemos observar como funciona sua prática e suas relações.

Em sua obra *A arqueologia do saber*, Foucault reflete sobre o assunto:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56)

Partindo da ideia de que a palavra pode ser utilizada para dissimular pensamentos, uma vez que a linguagem pode não ser em sua totalidade muitas vezes transparente, a Análise do Discurso é primordial no sentido de que se aprendam intenções e efeitos de sentido que podem estar propostos no discurso.

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso.

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem. Com o estudo do discurso, observa-se o homem falando (ORLANDI, 2001).

Então é interessante problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante, ou o leitor, a se colocar questões sobre o que produz e o que ouve nas diferentes manifestações da linguagem. Tem-se que perceber que não se pode não estar sujeito à linguagem, a seus equívocos, a sua opacidade. Diz-nos Orlandi (2001, p. 9):

Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos (...) a contribuição da análise de discurso nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na

ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

Passaremos, a seguir, a propor categorias analíticas de leitura e de produção de textos orais e escritos.

3. As categorias analíticas de leitura e de produção de textos orais e escritos

Passamos a tratar, agora, das categorias analíticas de leitura e de produção de textos orais e escritos. Essas categorias serão empregadas para tratar da materialidade do texto, o que é mais ou menos contíguo às suas condições de produção. São elas: 1) subjetividade/objetividade; 2) afirmações categóricas; 3) modalizações linguísticas; 4) anáforas; 5) catáforas; 6) vozes (tipos de discurso e recursos de cessão de voz); 7) formação discursiva (FD) e 8) formação ideológica (FI).

A primeira categoria, **subjetividade/objetividade**, consiste em levar o leitor a uma percepção geral do texto, caracterizando a perspectiva de sua produção. A partir de um dado texto, o leitor deve perceber se o texto traz uma perspectiva subjetiva. Para isso, deve observar se há marcas linguísticas de primeira pessoa do discurso no texto e também se a voz enunciativa trata de um assunto que lhe seja exterior (objetivo) ou interior (subjetivo). Por subjetividade, entendemos aquilo que caracteriza o sujeito, o *subjectus*; por objetividade, entendemos aquilo que caracteriza o objeto, o *objectus*. O ponto de partida desses dois conceitos tem sua origem na visão platônica e na visão aristotélica acerca daquilo que é o real. Por sujeito, entende-se o ser (que enuncia) e por objeto, tudo aquilo que está fora do sujeito. Assim, a subjetividade de um texto traz as idiossincrasias do sujeito, oriunda do mundo das ideias, de seu mundo intelectual. Por sua vez, a objetividade de um texto reflete uma percepção a partir dos sentidos, do mundo sensível, cujo apelo aos órgãos dos sentidos é nosso primeiro instrumental científico.

As **afirmações categóricas**, nossa segunda categoria, são uma categoria que permeia aquilo tudo que se diz e tem relação com o domínio de discursos do senso comum e de discursos autorizados. As afirmações categóricas são afirmações de caráter indubitável e podem alimentar, uma boa parte das vezes, os discursos do senso comum, evitados de juízos de valor, em comunhão com generalizações. As afirmações categóricas são mais ou menos justapostas às **modalizações linguísticas**, que são afirmações de

caráter dubitável, impreciso, relativizado. As afirmações categóricas e as afirmações modalizadas são intercambiáveis. Empregamos, num mesmo enunciado, uma seguida da outra, uma recortando a outra, como que costurando o texto. A necessidade daquilo que se tem a dizer é que determina se haverá o emprego de uma ou de outra categoria. Para melhor compreensão, podemos exemplificar. O enunciado “Só Jesus Cristo salva!”, em suas condições de produção, é categórico, ou seja, na lógica discursiva dos que nele acreditam, isso é indubitável, o dizer e a crença estão ajustados e não suscitam dúvidas, relativizações. Não se poderia dizer, por exemplo, “Talvez Jesus Cristo salve.” A situação de uso é que determinará o próprio uso. Para exemplificar o uso de modalização linguística, tomemos o seguinte exemplo: “José parece ser uma pessoa séria”. O enunciado deixa dúvida acerca da seriedade de José.

As **anáforas** são as retomadas de informações já apresentadas no texto (escrito ou oral). As anáforas evitam as repetições e brindam a inteligência do leitor/ouvinte. As anáforas são elementos que colaboram para uma boa coerência textual, porque ajudam a organizar as relações interparagrafais. Também colaboram, um pouco mais secundariamente, com a coesão textual, porque também ajudam a organizar as relações intraparafrágrafais. Entendemos, com Koch e Travaglia (2003, pp. 11-12), que a coerência “seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. Essa unidade é sempre apresentada como uma unidade de sentido no texto, o que caracteriza a coerência como global, isto é, referente ao texto como um todo.” O par opositivo da coerência é a coesão, que “é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear, já que se manifesta na organização sequencial do texto” (*Idem*, pp. 13).

As **catáforas** são os anúncios de informações a serem trazidas no texto (escrito ou falado). As catáforas são elementos que colaboram para uma boa coesão textual, porque ajudam a organizar as relações intraparafrágrafais. Também colaboram, um pouco mais secundariamente, com a coerência textual, porque também ajudam a organizar as relações interparagrafais. É comum, se pensarmos numa formulação do tipo parágrafo-padrão, encontrarmos uma catáfora na posição de introdução do parágrafo. O desenvolvimento interno do parágrafo corresponderá àquilo que terá sido enunciado/antecipado na catáfora.

Quanto à categoria das **vozes**, um texto pode apresentar uma voz apenas ou mais vozes. Identificá-las ajuda na compreensão do texto. Quando dizemos uma voz apenas não pensamos a possibilidade de um texto monofônico, por entendermos que todo texto é dialógico e responsivo. Queremos dizer por uma voz apenas a tarefa da voz enunciativa, voz que institui o texto, voz arregimentadora das outras vozes, voz que cede voz a outras vozes no texto escrito ou no texto falado.

No texto poemático, essa voz que institui o texto pode se chamar eu lírico, eu poético, sujeito lírico ou sujeito poético. No texto narrativo (oral ou escrito), essa voz é reconhecida como o narrador. No gênero discursivo letra de música, que se pode denominar como poema-canção, a voz pode ser chamada de eu cancional. Nos demais gêneros discursivos, de maneira genérica, podemos adotar o nome voz enunciativa. Assim, nos gêneros discursivos notícia, *press-release*, reportagem, resposta de prova, receita culinária, fôlder, manual de instrução, textos acadêmico-científicos, literatura médica, literatura jurídica, aviso, comunicado etc., a voz que institui o texto é a voz enunciativa.

Os discursos que essas vozes trazem podem ser classificados como discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. No discurso indireto livre, cuja manifestação se dá nos textos literários, quase normalmente o fluxo da consciência da personagem (da narrativa) aparece na voz do narrador, não havendo delimitação de um ou de outro discurso, com marcas visíveis no texto. No discurso indireto, o discurso de um outro, que não o da voz enunciativa, é trazido pela voz enunciativa, mas não é dito/escrito tal qual ele se apresenta. No discurso direto, o discurso é apresentado, reproduzido, tal qual ele se apresenta.

Para a voz enunciativa fazer a cessão de voz no discurso direto, ela pode empregar alguns recursos, tais como o uso de um verbo *dicendi*, sinais de pontuação (dois pontos, por exemplo), sinais gráficos, como o travessão e as aspas dobradas ou simples. Para a voz enunciativa fazer a cessão de voz no discurso indireto, ela pode empregar, além dos recursos já descritos para a cessão de voz nos discursos diretos, a conjunção integrante que. Quanto aos verbos *dicendi*, indicadores da ação de dizer, alguns outros verbos que, normalmente, não são verbos *dicendi*, podem funcionar como verbos *dicendi*, além de algumas expressões consagradas no gênero discursivo texto acadêmico-científico, ou

mesmo na fala, como é o caso de “de acordo com ‘fulano’”, “segundo ‘beltrano’”, “para ‘sicrano’”.

A categoria **formação discursiva** é uma ocorrência silenciosa da língua em seu uso cotidiano. Formações discursivas (F.D.) são lotes de discursos, cujos autores são desconhecidos, porque esses lotes de discursos são sociais, grupais, são aquelas falas que são de todo mundo e de ninguém e que estão associadas aos discursos oriundos dos papéis sociais. Por exemplo, formação discursiva de pai, ou de mãe, formação discursiva de filho, formação discursiva de professor, formação discursiva de aluno, formação discursiva de patrão, formação discursiva de empregado, formação discursiva de sindicalista, formação discursiva dos frequentadores da igreja evangélica X, da igreja evangélica Y, da igreja evangélica Z, formação discursiva da ala da renovação carismática da igreja católica, formação discursiva de advogado de defesa, formação discursiva de advogado de acusação, formação discursiva da promotoria, formação discursiva de juiz, formação discursiva de cada um dos partidos políticos etc.

Já as **formações ideológicas** (F.I.) são grandes conjuntos de ideias que presidem os discursos nas áreas segmentadas do conhecimento humano. Por exemplo, formação ideológica de direita, formação ideológica de esquerda, formação ideológica conservadora, formação ideológica liberal, formação ideológica capitalista, formação ideológica socialista, formação ideológica democrática, formação ideológica antidemocrática, formação ideológica machista, formação ideológica antimachista, formação ideológica feminista, formação ideológica humanista, formação ideológica tecnicista etc.

4. Um texto, uma experiência de leitura em LE

Apresentaremos aqui um texto selecionado, para, a partir dele, fazermos uma experiência de leitura, aplicando as categorias analíticas de leitura (e de produção) de textos escritos (e orais).

A escolha do texto não foi presidida por critérios rigorosos. Foi escolhido, a partir de buscas na *Internet*, um texto do gênero discursivo *press-release*, que, lido, pareceu adequar-se às necessidades de ilustração das categorias que vimos propondo.

Inicialmente, comentaremos um pouco acerca do gênero discursivo do texto.

Trata-se de um *press-release*, que se caracteriza por ser um texto produzido, quase sempre, no âmbito da empresa, que o oferece à imprensa para que, a partir dele, se desperte o interesse pela confecção de uma potencial notícia/matéria. Por notícia entendemos a necessidade de exposição de um fato que apresente o que se chama de noticiabilidade. A noticiabilidade se caracteriza por ser um fato que seja atual, que seja próximo, que seja exclusivo, que seja de interesse público, que seja relevante e que seja inédito. O objetivo do texto de trabalho, como o próprio gênero discursivo *press-release* sugere, é de caráter propagandístico, estratégia de *marketing* das empresas que também se denomina matéria paga, texto que, posteriormente ao seu uso na imprensa, quase normalmente é publicizado também nas *home-pages* das empresas, como é o caso do texto em questão.

Num trabalho sistemático de leitura em LE, a proposta que fazemos, a partir do texto, é que, inicialmente, se leia o texto quatro vezes e, na quinta leitura, se trabalhe o vocabulário. Ter-se-á, assim, uma visão global do texto.

Feito isso, deve-se conduzir os alunos/leitores a refletir sobre a primeira categoria analítica que propusemos: o texto se caracteriza pela objetividade ou pela subjetividade?

Percebemos e conduziremos os alunos/leitores a perceberem tratar-se de um texto que se caracteriza pela objetividade pelo fato de o texto não apresentar marcas linguísticas de primeira pessoa. Também o texto se caracteriza pela objetividade, uma vez que a voz enunciativa do texto trata de um assunto que lhe é externo.

1- Objectivity - MasterCard Introduces Next Generation 'Display Card' Technology, a first for Singapore.

Como o texto objetiva fatos e não impressões subjetivas, opiniões pessoais e/ou sentimentos da voz enunciativa, trata-se um texto que se caracteriza pela objetividade

Analisaremos, então, a próxima categoria, as afirmações categóricas. Nelas, podemos encontrar palavras mais usuais pelo falante/conhecedor da língua inglesa, tais como: never, always, none, all. Entretanto, algumas palavras são menos óbvias, pois a gramática inglesa abriga alguns elementos ocultos em algumas formas verbais. É o caso do Present simple e do Simple Future, por exemplo.

2 – Categorical Statement

From January 2013 onwards, **ALL** Standard Chartered Online Banking or Breeze Mobile Banking users **WILL** use the Standard Chartered security token card (...) – ALL + FUTURE TENSE.

Our online banking platform **IS** multi-award winning. – SIMPLE PRESENT

O aluno será orientado a identificar no texto a terceira categoria, palavras modalizadoras da língua inglesa, tais como: some, most, may, almost. Palavras que enfraquecem uma afirmação. É necessário lembrá-los também que alguns adjetivos e advérbios são usados com esse propósito e que, ainda, há uma categoria de verbo chamada de “modais”, que funcionam como modalizadores.

3 - Modalization

The MasterCard Display Card, manufactured by NagraID Security, looks and functions **ALMOST** exactly like a regular credit (...). – ADVERB

In future, this card **COULD** incorporate additional functionalities (...) – MODAL VERB.

Os termos negritos indicam as modalizações linguísticas.

Assim, trabalharemos agora as informações já apresentadas no texto (escrito ou oral), levando o aluno a perceber a não repetição de uma mesma expressão que se refere a outra na mesma frase, ou seja, trataremos da anáfora.

5 – Anaphora

MasterCard Introduces Next Generation ‘*Display Card*’ Technology, a first for Singapore

MasterCard in collaboration with Standard Chartered launch interactive payment card with ***built-in display and touch-sensitive buttons*** for enhanced control and security

Visto acima o uso de elementos anafóricos, a próxima categoria a ser analisada será a catáfora. O professor conduzirá o aluno para se atentar aos anúncios de informações contidas no texto.

4 – Cataphora

THE QUESTION WAS: instead of sending customers another bulky token, could we replace something which already exists in the customer’s wallet?

Visto um uso de catáfora, passemos às vozes do texto. Quanto à categoria vozes, orientaremos o aluno a identificá-las para uma maior compreensão do texto. Lembrando que a instituidora do texto “press- release” é chamada de “enunciative voice”.

Importante lembrar que, em Língua inglesa, no discurso direto, a voz enunciativa pode fazer uso de recursos como: reporting verbs: say, tell, warn, advise, inform, notify, add, explains, ask, declare, claim, e punctuation marks: colon, quotation marks, dash, comma, exclamation mark.

Por outro lado, no discurso indireto, quando relatamos algo que foi dito com palavras próprias, é necessário mudar o tempo verbal, alguns pronomes e advérbios.

6 – Voices

Reported Speech

Direct Speech –Subba, Regional Head of Retail Banking Products, Singapore and Southeast Asia, Standard Chartered Bank said: “In Singapore, many customers bank with multiple banks (...)”.

Indirect speech – He said (that) in Singapore, many customers (...)

Após as vozes, nesse estágio de análise das categorias, o aluno observará os diferentes discursos dependendo da posição do falante. E relacionará ao texto a/as possíveis formações discursivas.

7 – Discursive formation (DF)

MasterCard Introduces Next Generation ‘Display Card’ Technology, a first for Singapore – MARKETING

A formação discursiva do texto caracteriza-se por se uma formação discursiva marqueteira. A função do *marketing*, da venda prevalece sobre qualquer outro discurso no texto.

Por fim, a última categoria a ser apresentada é a formação ideológica, em que o professor conduzirá o aluno a refletir a qual ou a quais conjuntos de ideias que presidem os discursos nas áreas segmentadas do conhecimento humano o texto se refere.

8 – Ideological formation (ID)

(...) could we replace something which already exists in the customer’s wallet? That was when credit, debit and ATM cards, immediately came to mind.” – Capitalism

A formação ideológica que se verifica presente no texto é capitalista.

5. Considerações finais

A aplicação das categorias analíticas de leitura de produção de textos orais e escritos propostas parecem constituir-se uma metodologia, uma vez que amparadas em conceitos conhecidos da Linguística.

O caráter objetivo e científico dessas categorias permite a abordagem de textos tanto na língua materna como em LE. A experiência já consolidada com tal metodologia quanto à habilidade de leitura permite-nos afirmar que, com seu emprego, há uma proficiência maior de leitura.

Quanto à habilidade da escrita, após a produção efetiva do aluno/aprendente, o estímulo à aplicação das categorias ao próprio texto permite a ele uma tomada de consciência do uso da língua, uma tomada de consciência do processo da escrita, que ele, agora, pode desenvolver.

6. Referências

- BAMBERGER, Richard. *Como Incentivar o Hábito de Leitura*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000
- BRANDÃO, Helena. *Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1995
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, novembro, 2001.
- FOUCAMBERT, Jean. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- KOCK, Ingedore; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Contexto, 2012.
- KUENZER, Acácia (Org.). *Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 3ª ed. Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

ANEXO

MasterCard Introduces Next Generation 'Display Card' Technology, a first for Singapore

MasterCard in collaboration with Standard Chartered launch interactive payment card with built-in display and touch-sensitive buttons for enhanced control and security

To tweet this news, copy and paste <http://bit.ly/TI3a90> to your Twitter handle with the hashtags #MasterCard,#DisplayCard



Singapore, 7 November 2012 – MasterCard Worldwide, in collaboration with Standard Chartered Bank Singapore, has unveiled Singapore’s first interactive payment card, or security token card, using MasterCard’s Display Card technology, heralding the next generation of payment cards.

The MasterCard Display Card, manufactured by NagraID Security, looks and functions almost exactly like a regular credit, debit or ATM card, but features an embedded LCD display and touch-sensitive buttons which allow a cardholder to generate a One-Time Password (OTP) as an authentication security measure.

At present, banking institutions that necessitate a higher level of security for their online banking services require the use of a separate authentication token or device. The innovative 2-in-1 device, which combines the functionality of a standard payment card with a state-of-the-art security token, currently reflects the customer’s OTP. In future, this card could incorporate additional functionalities and be able to indicate other real time information such as available credit balance, loyalty or reward points, recent transactions, and other interactive information.

From January 2013 onwards, all Standard Chartered Online Banking or Breeze Mobile Banking users will use the Standard Chartered security token card as a new personal security device for higher-risk transactions such as payments or transfers above a certain amount, adding third party payees, or changing personal details.

V. Subba, Regional Head of Retail Banking Products, Singapore and Southeast Asia, Standard Chartered Bank said: “In Singapore, many customers bank with multiple banks. We brainstormed on ways to make it convenient and yet secure for customers. The question was: instead of sending customers another bulky token, could we replace something which already exists in the customer’s wallet? That was when credit, debit and ATM cards, immediately came to mind.”

“As a lead innovator in the banking industry, we believe this is what sets us apart from competition. Our online banking platform is multi-award winning. We have been awarded the best consumer internet banking platform for Singapore by Global Finance for three consecutive years. The new Standard Chartered multi-function token is another good example of our customer-centric innovation.”

Matthew Driver, president, South East Asia, MasterCard Worldwide said: “MasterCard continues to be at the forefront of payment technology. From launching the first ‘paper’ card in the 1950s, to introducing magnetic stripes and EMV chips for secure, digitised payments, we are pleased to have been able to support the launch of Singapore’s first Display Card by Standard Chartered. With the continued growth in online and now mobile initiated remote payments, consumers are naturally demanding increased security. The innovative features of the Display Card serve to address this need, whilst empowering consumers to do so much more with their payment cards.”

MasterCard Display Cards are being deployed in increasing numbers by innovative banks all around the world, with Standard Chartered Bank launching the largest deployment of Display Cards to date. All MasterCard Platinum and Bonus\$aver credit cards as well as MasterCard Super Salary, XtraSaver, Bonus\$aver debit cards issued in Singapore will now be Display cards.

Cyril Lalo, CEO of NagraID Security said: “We highly commend the initiative of Standard Chartered Bank as this deployment once again highlights the increasing popularity of Display Cards. Earlier this year NagraID Security ramped up production capacity by investing heavily in equipment and human resources in order to meet the growing demand for Display Cards. The increased throughput, combined with the experience acquired during the past 2 years from the close collaboration with MasterCard and Gemalto, enabled the implementation and deployment of this scale in a record-breaking timeframe.”

NOTE TO EDITORS:

MasterCard Display Cards herald a new era in card payments, extending the payment card with interactivity. Display Cards feature a small display and one or more touch sensitive buttons in addition to all the traditional payment card features. Display Cards can be used as “Authentication Cards” for secure, portable and cost-effective remote authentication of online banking and e-commerce transactions by using the card to generate One-Time-Passwords (OTPs). Or they can be used as “Information Display” Cards enabling cardholders to access critical information such as account balance anywhere, anytime – enhancing payment or banking experiences in a number of ways. MasterCard first launched the Display Card in 2010.

About MasterCard Worldwide

MasterCard (NYSE: MA), <http://www.mastercard.com/>, is a global payments and technology company. It operates the world’s fastest payments processing network, connecting consumers, financial institutions, merchants, governments and businesses in more than 210 countries and territories. MasterCard’s products and solutions make everyday commerce activities – such as shopping, traveling, running a business and managing finances – easier, more secure and more efficient for everyone. Follow us on Twitter @MasterCardNews, join the discussion on the Cashless Conversations Blog and subscribe for the latest news.

Contacts

Georgette Tan, MasterCard Worldwide, georgette_tan@mastercard.com, +65 6390 5971

Alina Morais, Weber Shandwick, amorais@webershandwick.com +65 6825 8203

Disponível em: <http://newsroom.mastercard.com/press-releases/mastercard-introduces-next-generation-display-card-technology-a-first-for-singapore/>.. Acesso em: 09 Nov. 2012.